

O IDEAL

(A ELITE VIMARAKENSE)

REVISTA QUINZENAL, LITTERARIA E RECREATIVA

ASSIGNATURA		Domingo, 16 de Outubro de 1892	REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO RUA DAS LAMELLAS, 49 GUIMARÃES
Serie de 24 numeros	600 reis		
» » 12 »	300 »		
» » 6 »	150 »		

ERNESTO RENAN



MORREU o distincto «immortal». O funebre acontecimento deu-se em Pariz, a 2 de outubro, n'um dos «appartements» do Collegio de França, onde habitava e onde era professor de linguas orientaes.

Fulminado por uma congestão pulmonar, a sua agonia foi curta, mas lucida e serena, um meigo sorriso nos labios. O telegrapho nem tempo teve de nos communicar a sua doença; chocou-nos de surpresa com a nova da sua morte.

A França perdeu com Renan um dos seus filhos mais eminentes e mais queridos. Conhecido em todas as nações cultas, onde era apreciado como um dos espiritos mais brilhantes e originaes da humanidade contemporanea e onde os seus livros corriam traduzidos e vulgar'sados (1), o grande homem de letras não teve porem o suffragio numerico de Victor Hugo. O genio verbal do poeta dos «Chat'ments» e do phantas'ta dos «Miserables», proprio em alto grau para dominar a alma do leitor simples, a avançada idade em que morreu, facto que o fez pertencer ainda vivo á posteridade, e as suas excentricidades orgulhosas que crearam uma lenda d'admiração em volta do seu nome, explicam com outras circumstancias a extraordinaria popularidade de Victor Hugo. Todavia a obra de Renan, mais fina e philosophica, obra de pensador, de sabio e d'artista, escripta

n'um estylo delicioso e mais bello, estava destinada a ser comprehendida por um circulo d'intelligências mais illustradas e portanto menos vulgares. D'aqui a superioridade que envolve o seu nome e que o eleva á jerarchia d'um dos mais brilhantes escriptores do seculo.

Homem de raro prestigio intellectual e d'ama enverg'a uma moral extraordinaria, tudo o tornou eminentemente sympathico— desde a feição altamente moral, embora heterodoxa, dos seus l'vros, até á sua vida particular, simples, modesta, e honestissima a ponto de se dizer que este hereje era um santo.

Após a morte começaram as homenagens de consagração.

O registo cobriu-se rapidamente d'assignaturas entre as quaes figuraram todos os grandes vultos litterarios e artisticos. Aos funeraes feitos no dia 7 a expensas do Estado, seguiu-se o enterro no cimiterio de Montmartre a que concorreram todos os ministros e notabilidades de Pariz.

O conselho de ministros resolveu apresentar ás camaras um projecto de lei para que os restos mortaes de Renan sejam depositados no Pantheon. O glorioso morto irá pois, como é devido, repousar no templo da gloria!

*

Das obras de Renan sobre exegese linguistica resaltam as qualidades eminentes do sabio. Tendo-se entregado ao estudo das linguas orientaes, conhecia, como ninguem, o hebraico, o arabe, o assyrico. As suas memorias eruditas sobre as linguas semiticas abriram-lhe as portas da Academia de Bellas-Letras, do Instituto, do Collegio de França. Parallelamente aos trabalhos philologicos proseguia os estudos dogmaticos.

Munido d'essa solida instrução, deu-se aos estudos orientalistas litterarios e

(1) Em portuguez conhecemos traduzidas a «Vida de Jesus» e «os Apostolos».

religiosos pela analyse e critica dos documentos e fontes originaes.

Só então, em 1851, na idade madura dos 35 annos, já casado com a filha do pintor Henrique Schoeffer, é que principiou a sua «Historia das origens do christianismo» pela publicação da «Vida de Jesus» o livro de mais nomeada do seculo actual.(2) N'esse livro famoso Renan contesta a divindade de Jesus; mas o Jesus de Renan é ainda mais doce, mais poetico do que o Jesus dos Evangelhos. A 1.ª pagina, em que o auctor dedica o livro a sua irmã Henriqueta, é superiormente espiritualista; Bourget chama-lhe — o preludio delizioso d'aquella symphonia mystica.

Vinte annos depois, já membro da Academia, terminou essa obra celebre, verdadeiramente scientifica, obra que tem em cada pagina uma media de 6 citações collhidas nos Evangelhos, no Talmud e n'outros auctores da epocha.

Imagina-se bem a influencia poderosa, verdadeira seducção, que uma tal obra, documentada pagina por pagina e escripta n'um magico estylo suggestivo, exerceu na sociedade moderna.

Homem de pensamento e d'estulo, a obra de Renan é immensa; depois da que citamos, composta de 7 volumes, a mais monumental é a «Historia do Povo d'Israel» em 5 volumes.

Na «Souvenir de la Jeunesse», livro precioso para os seus biographos, diz Renan: «Que a vontade de Deus seja feita. Renego as blasfemias que teria podido pronunciar contra o eterno». Tal foi o seu testamento religioso.

*

Quaes estrellas do firmamento, Renan espalhou nos seus livros pensamentos profundos de philosopho, de moralista e de critico.

— O dogmatismo é uma presumpção; porque, enfim, se entre os melhores dos homens que tem julgado possuir a verdade, não ha um só que tenha tido completamente razão, como esperar que se seja mais feliz?

— O ideal do homem deve ser o da perfeição moral, intellectual e artistica.

— O homem é mais religioso nos seus melhores momentos. A religião não é verdadeira senão na sua quintessencia e portanto subtil'ssima é destruí-la.

— Se somos melhores criticos que os sabios do seculo passado; não é porque sabemos mais, mas porque vemos coisas mais delicadas.

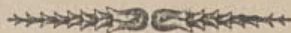
Podemos pois terminar com a aprecia-

(2) Segundo o exemplar que temos á vista a 2.ª edição portugueza foi publicada em 1872 sobre a 11.ª edição franceza.

ção d'um critico n'um esboço psychologico de Renan: podem regitar-se as suas doutrinas, voltar-se a Veillot e Droz, mas ha de coarctar-se que resta ainda muito do escriptor e do homem.(3)

Guimarães 1892.

FRA-DIAVOLO.



ILLUSÕES

A. B. C.

Quando tu fallas, que harpejos
Tem a tua voz de crystal
Parece feita de beijos
D'uma aurora oriental.

Quando fazemos idyllio
No jardim ao pôr do sol
Julgo ouvir, amado lyrio,
O canto do rouxinol.

Tem um som, timbre ou fragancia,
Que a minh'alma não desfaz
E julgo ouvir a distancia
Uma area de Bolline.

Em fim, quando te escuto
Fico n'um seismar bândict
E a alma vai no infinito
D'aspir os crepes de lucto.

Povoa de Lanhoso.

ALBINO BASTOS.

O INGLEZ ERRANTE

(CONCLUSÃO)

SIM, senhor, continuou elle em tom amargurado, viajei na America; trez vezes houve choque, descarrilamento: mas eu sempre ti-

(3) Bibliographia para o estudo de Renan: P. Bourget—Essais de psychologie; E. Rod—Les ideaux morales contemporaines.

nha tomado o trem antes, ou o immediato! No grande descarrilamento de 1863, perto de Londres, n'um tunnel, perdi o trem por dois minutos! No desastre do caminho de ferro do norte, em 1864, doente, cansado, tinha eu descido duas estações antes.. No celebre encontro na linha de Demmartin, estava eu no trem que não soffreu nada...

Eu olhava para elle, espantado.

Elle, triste, puxou pelo relógio da semana, mez e anno, e tocava o *God save the queen*.

Vi a hora e levantou-se precipitadamente, dizendo-me ao pegar no seu eterno sacco de viagem:

—Até á vista; d'aqui a nove minutos passa o expresso, e não quero perdê-lo... Alteraram hoje o horario, tenho probabilidades.

E partiu. Eu nada fiz para o demorar.

Tenho probabilidadesest...

Ainda hoje sinto um calefrio ao pensar no tom e no sorriso com que elle me disse estas palayras.

Desde esse dia não o tornei a ver.

O mez passado, em Bruxellas, apreçava eu um revolver, quando o espingardeiro me offereceu uma pistola ingleza.

—Esta arma, disse-me elle, foi apanhada por um agente de policia no bosque de Cambre, aos pés de um individuo que se tinha servido d'ella para fazer saltar os miolos. Foi o agente quem depositou a arma em minha casa para a vender.

Virei e revirei a arma homicida... Estava olhando, quando reparei nas iniciaes gravadas n'uma chapa d'ago incrustada na coronha: *W. L. A. — 13*.

—Soube-se o nome do infeliz?

—Não creio.

—Onde poderei encontrar alguns pormenores relativos ao suicida?

—Nos jornaes do dia.

Cemprei a arma e fui ao escriptorio da *Étoile Belge*, onde folheei a colleccão.

O acaso tinha disposto as coisas. Primeiro esta noticia:

«O desastre acontecido na linha franceza, cuja narração ante-hontem domos, é, ao que parece, muito menos grave do que se suppunha.

«Exaggerou-se muito o numero dos mortos e feridos. Amanhã daremos pormenores exactos.»

Immediatamente por baixo lia-se:

«Hontem o agente X..., de ronda ao bosque de Cambre, encontrou encostado a uma arvore, com as pernas um pouco afastadas uma da outra, os braços pendentes e a cabeça inclinada para traz, o cadaver de um individuo. A seis pés estava uma pistola descarregada, marcada com as iniciaes *W. L. A. — 13*. Papel algum permittiu reconhecer a identidade d'esse individuo que se suppõe ser estrangeiro.»

Coitado do meu inglez!

Aposto em como tinha perdido o trem por um minuto!

Guimarães.

J. P.

A' CAÇA

Ao João Pinto

O dia vem nascento. As lavradeiras
São alegres e cheias de vigor,
Pelos campos o boi do lavrador
Anda a cuidar das timidas videiras.

Junto á levada as rudes lavadeiras,
Com as pernas isentas do calor,
Vão soltando, n'um bando atroador,
Umhas canções singelas e brejeiras...

Vae para a caça o filho do Morgado
E fica-se allí, quando as tem «salvado»...
—Do rio embala-o a gentil sonata—

Ellas ouvem, a rir, o que elle diz,
E elle sorrindo, o caçador feliz,
A todas fire mas a nenhuma mata...

Gon'omar—1892.

RAUL CARDOSO.

DELPHINA

(A Delgado d'Assis)

I

Eu vejo-a a todo o instante posta na janella,
Com ares de imperatriz!
Passando por ser rica e sobre tudo bella...
Alguem por abi o diz.

Ennoja-me o fital a quando a vejo a ella,
—Talvez por ser feliz—
Erguer altiva a frente, deixando quasi a vela
O niveo da cerviz.

Se ès rica e tens belleza, como diz alguem,
E d'isso tens orgulho;
Por força deves ter um coração de neve!...

P'ra mim não vales tu um misero vintem...
Assim causas-me engulho!...
Nem mesmo a lastimar-te o meu coraçã se atreve...

Lisboa, 92.

JUSTINO DE CARVALHO.

BOLETIM ELEGANTE

Desde o dia 16 do corrente até ao dia
30 fazem annos as exc.^{mas} sr.^{as}:

Dia 17—D. Maria Thereza Pinto Ta-
vares Ferrão.

Dia 26—D. Emilia de Freitas Aguiar
Vieira.

SCINTILLAÇÕES

Estrellas que brilhaes
No ceo alegremente,
Dizei á minh'amada
Esta canção dolente :

Longe do *seu* olhar
Minha'alma d'estudante,
Vive sempre a dizer
O *seu* amor constante,

Nas tardes cor de rosa
Nas bellas madrugadas,
Que hoje passam tristes
De saudades cercadas.

Dizei, dizei estrellas
N'um intimo saudar,
Que minh'alma assim vive
Longe do *seu* olhar.

Sonhando uma alvorada,
Despida de pesares,
Coberta de sorrisos
E ridentes cantares.

1892.

AUGUSTO ALEGRE.

Aos nossos estimaveis assignantes

Retiramos hoje a continuação do
artigo *Amor e mulheres* para dar lu-
gar á biographia litteraria de Renan.
Os leitores, em attenção ao culto dos
grandes homens—a unica religião
universal, perdoam-nos de certo esta
alteração.

RESPONSÁVEL, JOÃO J.